



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14458 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

VIVÊNCIAS DE UMA CRIANÇA TRANS EM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL: DIREITO AO RECONHECIMENTO DA IDENTIDADE E DO CORPO

Izzie Madalena Santos Amancio - UFPR - Universidade Federal do Paraná

Cristina Teodoro - UNILAB - UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA

Patricia de Moraes Lima - UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

Agência e/ou Instituição Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)

VIVÊNCIAS DE UMA CRIANÇA TRANS EM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL: DIREITO AO RECONHECIMENTO DA IDENTIDADE E DO CORPO

Resumo: Este texto propõe a discussão sobre a experiência da constituição da identidade de uma criança trans por meio de narrativas sobre a presença de seu corpo em instituições escolares e, particularmente, na instituição de Educação Infantil. O mesmo apresenta resultados parciais de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. A pesquisa, entre outros, teve como objetivo compreender, por meio da narrativa, como e com quais atribuições uma criança trans construía a sua identidade de gênero e racial. A pesquisa vinculou-se à abordagem metodológica de caráter qualitativo, e fez uso de um estudo de caso etnográfico, como procedimento para a geração de dados. Entre os resultados alcançados, ganha destaque, para o presente texto, a forma com que as culturas escolares se diferenciam, e como o espaço escolar é marcado pela transfobia em relação às crianças trans, impactando tanto as interações entre elas e seus pares e os docentes ocorridas quanto à constituição da identidade de gênero, como um direito a ser assegurado.

Palavras-chave: Estudo etnográfico. Infâncias. Crianças trans. Identidade de gênero.

Este texto apresenta resultados parciais de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina no ano de 2022, que teve como objetivo: (1) perceber como uma criança trans narra e constitui sua identidade de gênero e racial, (2) compreender, em processos de interações, como negocia e interpreta as expectativas sociais de gênero, masculinos e femininos, pulsantes em nossa cultura e (3) compreender como a criança significa seu corpo infantil. Por meio de um estudo de caso etnográfico com uma criança que se auto identifica como transmasculina com 5 anos de idade, residente em Fortaleza, estado do Ceará, região nordeste do Brasil. A pesquisa desenvolvida se insere no campo dos estudos sociais da infância, tendo como base a fundamentação teórica da Sociologia da Infância, que compreende a criança como sujeito social e a infância uma construção social do tipo geracional. Ainda, há o entendimento de que a infância é atravessada por múltiplas formas de opressão. Assim, a partir do entendimento dos Estudos Interdisciplinares sobre as crianças e as infâncias, é necessário trazer, nas pesquisas, as narrativas das crianças trans ^[1], sendo assim, foi necessário questionar onde estavam as “vozes” delas, narrando sobre suas vidas, pois, não era possível escutá-las ou enxergá-las na maioria das pesquisas que falavam a partir de vozes adultas ou de interpretações de adultos, sobre as ações e falas de crianças. O sujeito eleito e convidado para participar desta ciranda investigativa é um menino trans, neste sentido, investimos, aqui, em uma compreensão de que diferentes recursos facilitam o processo no campo pesquisado, deste modo, foram utilizados para registro e geração de dados a observação, o diário de campo, a contação de história, os bonecos confeccionados em tecidos e a produção de desenhos. Nesse sentido, o uso de procedimento de geração de dados, a partir das narrativas da criança, com um caráter mais participativo, possibilitaram um trabalho de interpretação e desocultação de sua voz e de certa forma da voz de outras crianças, que permanecem, muitas vezes, ocultas nos métodos tradicionais de investigação, através de perspectivas geracionais adultocêntricas. Alguns conceitos emergiram do campo da pesquisa, tal qual o de gênero. De acordo com a autora Jaqueline Gomes de Jesus (2012), gênero é uma categoria que a inscrição não corresponde à categoria descritiva macho ou fêmea, por se fazer por via da auto-percepção do sujeito, portanto, a identidade de gênero, independe do sexo. Ainda para Jaqueline de Jesus, os sujeitos que se identificam ou concordam com o gênero que lhe foi atribuído, são considerados cisgêneros. Ao erguer a voz contra uma estrutura de colonialidade do poder e saber, Letícia Nascimento (2021) pontua a noção de cisgeneridade como reveladora de denúncias frente ao modo colonial de produção das identidades de gênero e dicotomias baseadas em supostamente discurso biológico e cultural (p.100). Nessa perspectiva, a cismatividade atua na construção do sujeito antes mesmo do indivíduo se perceber pertencente a algum gênero. De acordo com Viviane Vergueiro (2012), é possível afirmar, inclusive, que só se percebe a não-cisgeneridade em função da opressão causada pela colonização cisgênera. A compreensão do gênero na sociedade tem sido assentada numa

concepção biologizante (Ann OAKLEY, 1970) que visa a cisgenderidade enquanto uma norma social colonizadora atuante a partir de ferramentas ideológicas, políticas e individuais, embutidas no discurso biomédico, jurídico, cultural, institucional e que conjuntamente atuam na constituição de homens e mulheres para serem cisgêneros (Viviane VERGUEIRO, 2012). As pesquisas científicas, no campo educacional, têm utilizado diferentes recursos para ouvir as crianças – entrevistas, conversas, produção de desenhos e pinturas, histórias e linguagem oral – na busca de captar e legitimar os pontos de vistas das mesmas. Este esforço epistêmico requer pôr em prática a auscultação daquilo que as crianças dizem, dando visibilidade ao que o Outro-criança diz, indicando também a recepção e a compreensão, recheadas com a interpretação do pesquisador. Diante desta complexidade de auscultar o Outro-criança, “[...] a linguagem oral não é central nem única, mas fortemente acompanhada de outras expressões corporais, gestuais e faciais” (ROCHA, 2008, p. 45). Esta pesquisa, de caráter qualitativo, buscou, por meio da etnografia, trabalhar com um estudo de caso específico de uma criança trans. Dizer, portanto, que a etnografia tem sido considerada uma abordagem eficaz em estudos e pesquisas que envolvem crianças, não deve ser entendida, no entanto, como uma mera transposição de procedimentos utilizados junto à população adulta para seu emprego, junto a crianças. Embora os recursos etnográficos em pesquisas com crianças sejam considerados os mais adequados, utilizá-los não é tarefa fácil. O caminho a ser trilhado é marcado pelas incertezas próprias de cada dia e de cada momento, pois nunca se sabe ao certo o que pode garantir o sucesso na busca e na geração de dados. Ao longo do processo de construção de significados do e para o mundo social, as crianças inventam, reinventam, negociam e estabelecem códigos e limites que nem sempre o adulto consegue compreender. Diante disso, é fundamental assumir a escrita como elemento político da pesquisa, pois é neste movimento etnográfico, que lançamos a alteridade para o centro do debate, trata-se daquilo que não nos passa despercebido, porque atravessa-nos numa relação de interdependência entre pesquisadora e sujeito (Patrícia de Moraes LIMA, 2015, p.101-102). Ainda, a etnografia, enquanto epistemologia e metodologia é excelente para conhecermos as crianças a partir das próprias crianças (Manuela FERREIRA e Ângela NUNES, 2014), e isso significa reconfigurar as velhas formas de entender as crianças nas pesquisas, requer um esforço de posicioná-las a partir do que são, em suas temporalidades, potencialidades, alteridades, competências e experiências, específicas a cada uma delas. Em verdade, empenhamos esforços na construção de *processos de reflexividade metodológica* (Manuela FERREIRA e Ângela NUNES, 2014, p.117). Ao refletir sobre os modos de produção da pesquisa junto a uma criança trans, em tempos de pandemia, optamos por transpor a pesquisa ao modo remoto, a fim de garantir a saúde das pessoas envolvidas. O encontro com a criança da pesquisa foi iniciado dentro do ambiente virtual, nas redes sociais, ao longo dos últimos dois anos. Na ocasião o perfil da criança, foi divulgado nas mídias digitais dos movimentos sociais de travestis e transexuais, numa campanha de visibilização e proteção às crianças trans no Brasil. A criança, à época do encontro, estava com 5 anos de idade, frequentava a Educação Infantil e o seu perfil na rede social ainda estava sendo iniciado. Durante o estudo de caso etnográfico, foi utilizada a plataforma virtual Google Meet, que viabilizou a gravação dos encontros, a realização de prints da tela, exibição de tela para dialogar sobre o perfil nas

redes sociais da criança, saber melhor sobre o seu processo de automeiação enquanto sujeito trans. Investimos em uma compreenso de que diferentes recursos facilitam o processo de insero no campo pesquisado, deste modo, foram utilizados para registro e gerao de dados, a observao, o diário de campo, a contao de histria, os bonecos confeccionados em tecidos e a produo de desenhos. Na perspectiva da garantia de princípios ticos na pesquisa com crianas, buscamos o assentimento da criana trans, a fim de reafirmá-lo no local de ator social capaz de elaborar narrativas e realizar escolhas (Manuela FERREIRA, 2010 p. 161). Durante as conversas, a criana trans ao revelar sua identidade, reivindica cidadania e aponta para as ausências afetivas, buscando mobilizar e constituir uma rede de acolhimento e apoio, inicialmente, dentro do seu prprio lar. Quando, durante as entrevistas, a criana relata o processo de automeiação, neste sentido, é a afirmao da sua condio enquanto ator social. Outro ponto interessante, aqui, também, é a abertura dada pela família, para que ele possa ser tratado com respeito. A criana vai contando como ocorreu o seu processo de transio inicial, concomitante a transio da sua família, que, inicialmente, trouxe as questes da autopercepo de gênero e outros fios que foram sendo puxados, como, por exemplo a escolha do nome, os brinquedos a partir do seu gênero autoproclamado, o uso de roupas "para meninos" e acesso ao banheiro de acordo a sua identidade de gênero e como essas narrativas foram sendo significadas as suas sensaes sobre as conquistas de cidadania. Os dados do campo da pesquisa, apontam, a partir da narrativa da criana trans, para a construo da identidade trans desde a tenra infância, em um contexto de construo de uma relao que, com o tempo, vai atuando sobre o reconhecimento e valorizao no âmbito doméstico da criana trans, protagonizado e impulsionado pela prpria criana. Ainda sobre este dado, a partir da narrativa da mãe da criana trans, a percepo da identidade dissidente de gênero da criana, se deu entre os 02  03 anos de idade, por meio da recusa dos brinquedos, brincadeiras e vestimentas, porém, a automeiação enquanto menino trans se deu aos 05 anos de idade, em um contexto posterior às violências dentro da instituio de educao infantil. Por meio das narrativas da criana trans da pesquisa e presentes no decorrer do texto, foi possível perceber a ausência de preparo para o acolhimento e garantia de seus direitos em sua primeira experiência em uma instituio de Educao Infantil, no interior do Ceará, nordeste do país, no qual pontuou momentos de agresses físicas e insultos, por parte de uma outra criana, sofridos dentro do banheiro da instituio, aps revelar para a outra criana que se identifica enquanto menino trans. Ainda sobre sua experiência na educao infantil, a criana da pesquisa narrou o desrespeito em relao ao uso do nome social. Por outro lado, a experiência no foi igual na trajetria vivenciada nas três escolas onde a criana esteve presente. Ou seja, aps a migrao e insero na educao infantil, na capital do Ceará, houve o respeito ao uso do nome social, em funo da sensibilidade da gesto escolar, a mesma dinâmica foi semelhante quando passou a morar na cidade de So Paulo. No entanto, cabe salientar que a migrao de cidade e posteriormente de estado, se deu diante do aumento significativo nos contextos de vulnerabilizao da criana trans, em funo da transfobia, agravando - desde o interior até a capital do estado do Ceará - situaes de violências por motivao transfbica.

Referências

FERREIRA, Manuela Maria Martinho. “Ela é nossa prisioneira”! Questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. *Revista Reflexão e Ação*, 18 (2), 151-183, 2010. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/1524>. Acessado em: 03/01/2022.

FERREIRA, Manuela; NUNES, Ângela. Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios. *Linhas Críticas*, v. 20, n. 41, p. 103-123, 2014.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidades de gênero: conceitos e termos. Brasília 1. ed. Goiânia: Ser-Tão - Núcleo de estudos e pesquisas em gênero e sexualidade/ UFG, 2012. v. 1. 23 p.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Crianças Trans: Memórias e desafios teóricos. In: III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Salvador, Bahia, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/250305355_Criancas_Trans_Memorias_e_Desafios_T Acesso em: 25 jan. 2022.

LIMA, Patrícia de M.; NAZARIO, Rozeli. Sobre a Luz do diafragma: a atribuição da fotografia na pesquisa com crianças. *Educativa*, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 491-509, jul./dez. 2014.

LIMA, Patrícia de Moraes. Infância(s), alteridade e norma: dimensões para pensar a pesquisa com crianças em contextos não institucionais. *Currículo sem fronteiras*, v. 15, p.94-106, 2015.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021. 192 p. ISBN 978-65-87113-36-4.

OAKLEY, Ann. Cap. 6 “Sex and Gender”, in *Sex, Gender and Society*. Nova York: Harper, 1972, p. 158-172. Tradução: DIAS, Claudenilson e COELHO, Leonardo. *Sexo e gênero*. *Revista Feminismos*, 2016.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Porque ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: Silva Helena Vieira Cruz (org). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, p. 43-51, 2008.

VERGUEIRO, V. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., orgs. *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 249-270. ISBN: 978- 85-232-1866-9.

[1] No intuito de acolher a realidade apresentada pelo campo de pesquisa que fundamenta a pesquisa, neste resumo expandido tomarei o termo criança trans, usualmente empregado no âmbito do movimento social, que remete a um leque de categorias identitárias que se relacionam às expressões que não estão de acordo com a matriz de idade, sexo e gênero. Todavia, perfazendo um movimento de corpos que importam, proponho não restringir ao guarda-chuva de pessoas em dissidência enquanto transgênero, sem fazer menção às demais identidades, que historicamente estão na frente das trincheiras, destaca-se aqui travestis e homens e mulheres transexuais.